

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II – CONCLUSÃO)

1 de julho de 2025

# DJANGO / 1966

*Django*

Um filme de Sérgio Corbucci

Realização: Sergio Corbucci/ Argumento: Sergio Corbucci, Bruno Corbucci, José Gutierrez Maseo, Franco Rossetti, Piero Vivarelli/ Fotografia: Enzo Barboni/ Direção Artística: Carlo Simi/ Montagem: Nino Baragli, Sérgio Montanan/ Música: Luís Enriquez Bacalov/ Intérpretes: Franco Nero (Django), José Bódalo (Gen. Hugo Rodriguez), Loredana Nusciak (Maria), Angel Alvarez (Nataniele), Jimmy Douglas/Gino Pernice (Jonathan), Simon Arriaga, Ivan Scratuglia, Erik Schippers, Rafael Albaicin, José Canalecas, Eduardo Fajardo, etc.

Produção: Manolo Bolognini, Sergio Corbucci/ Cópia: DCP, cor, versão original legendada eletronicamente em português/ Duração: 92 minutos/ Estreia Mundial: Roma, 6 de Abril de 1966/ Estreia em Portugal: cinema Condes, 5 de Agosto de 1968

---

Os anos 60 viram aparecer um género «novo» que rapidamente conquistou o favor popular: o chamado «western-spaghetti». Foi também, como outros, uma moda que durou apenas o tempo em que se verificou lucrativa. No começo da década seguinte começava a estiar-se até desaparecer. Esta moda teve várias causas, mas radica especialmente na crise económica que o cinema atravessava, levando a uma migração de percurso inverso ao da geração dos anos 20. Eram agora produtores e actores americanos (e mesmo realizadores), a procurarem facilidades de trabalho na Europa. A origem do fenómeno é conhecida: o fim do império dos estúdios com a lei anti-trust e a sucesso da televisão. Primeiro foram as super-produções em Itália e Espanha que criaram nestes países um estado favorável à exploração de modelos próprios de temas semelhantes ao que Hollywood ali vinha produzir, de que resultou a «febre» dos «peplums». O sucesso inesperado e compensador, mas também o rápido esgotamento de fórmulas e temas, empurrou alguns produtores europeus a explorarem um certo tipo de «pastiche» do género clássico americano, o western, primeiro os alemães com a série Winetou, segundo os livros de Karl May, e imediatamente a seguir os italianos. Estes já tinham uma certa experiência através de várias paródias a clássicos do género que surgiram nos anos 50 (**Il Bandolero Stanco/O Comboio Nem Sequer Apitou, Io Sono il Capataz/O Capataz Sou Eu**, e em especial **I Tre Magnifici/Os Três Magníficos** de Giorgio Simonelli, com Walter Chiari e Ugo Tognazzi, feito em 1961 e que, como o título indica, era uma paródia ao filme de John Sturges **Magnificent Seven/Os Sete Magníficos**).

Foi Sergio Leone quem trouxe o novo género para a ribalta, graças ao sucesso de **Per Un Pugno di Dollari/Por um Punhado de Dólares**, que (à cautela) assinou com o nome de John Robertson. Praticamente em simultâneo, com pseudónimos anglicizados, lançaram-se na exploração do western-spaghetti, Duccio Tessari (**Una Pistola per Ringo** e **Il Ritorno di Ringo**) e Sergio Corbucci com Minnesota Clay, seguidos por muitos outros. Corbucci será, de todos, o primeiro a assumir o seu nome original, assinando com ele o seu filme seguinte que

se tornaria um dos paradigmas do género, talvez mais influente, nos que vieram depois, do que os de Leone: **Django**.

Entre **Per Un Pugno di Dollari** e **Django** há muitas aproximações. O argumento do segundo é claramente inspirado pelo do primeiro (é a regra de explorar até ao fim um tema ou história que deu lucro), e ambos, como se sabe adaptam, para o campo do western, um famoso filme de samurais, realizado por Akira Kurosawa em 1961: **Yojimbo/Yojimbo, o Invencível** (dadas as variações em vários géneros que este filme inspirou, pode dizer-se que esta terá sido a obra do realizador que mais influência exerceu, mais, inclusive, do que o muito superior e famoso **Shishinin no Samurai/Os Sete Samurais**). Ambos os filmes tomam como ponto de partida uma pequena aldeia dominada por dois clãs rivais, que se degladiam entre si num combate mortal. Em ambos, a taberna forma uma espécie de território neutro (ou melhor, partilhado alternadamente) e de prova também para os estranhos. Em ambos, a personagem principal, o «Homem sem nome» (Clint Eastwood) de Leone, e Django (Franco Nero) de Corbucci, são dois homens misteriosos que vêm de nenhures e se encontram no meio do conflito. No filme de Leone o herói explora maquiavelicamente esse lugar «central» para lançar os clãs um contra o outro, no de Corbucci, Django combate um dos gangs e procura ludibriar o outro. Em ambos o herói é apanhado e sujeito a selváticas torturas.

As semelhanças ficam-se por aí. O filme de Leone explora, apesar das diferenças, os mitos do western. O de Corbucci subverte-os num gesto mais niilista que contestatário, levando ao extremo o sado-masiquismo que caracteriza os heróis deste «novo» género: Django terá as duas mãos esmagadas pelo bando do mexicano, que o deixa à mercê do adversário, antes de ser dizimado pela tropa mexicana. No filme de Leone a personagem feminina, disputada pelos bandos, é ainda uma figura inocente no meio do combate. No de Corbucci, Maria (Loredana Nusciak) é apenas uma das várias prostitutas do bordel local (Corbucci vai explorar também uma situação conhecida e «popular» em alguns westerns como **Destry Rides Again/A Cidade Turbulenta**, de George Marshall ou **Westward the Women/Caravana de Mulheres**, de Wellman, entre outros: a luta entre mulheres, aqui no meio da lama). Por isto, e pela forma como o argumento «resolve» a presença de Maria, Django pode ser considerado como o mais misógino de todos os western-spaghetti. Outra posição mais radical do filme de Corbucci: a personagem do taberneiro, cúmplice e amigo do herói no filme de Leone, um entre os muitos apanhados no meio do combate, sem escolha e sem saída, no de Corbucci.

Mais «realista» nos seus excessos, **Django** é também o mais niilista dos westerns-spaghetti, uma obra brutal e dura, de onde estão ausentes quaisquer elementos que sugiram uma qualquer «redenção» de um «herói» deixado muito simbolicamente à saída de um cemitério. Tal perspectiva encontrará noutro western de Sergio Corbucci, que já aqui exibimos, **Il Grande Silenzio/O Grande Silêncio** (1969), a sua expressão mais completa e definitiva.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico